

Reforma que não termina nunca

Clínica de reforço ao atendimento de saúde em Taguatinga não tem data para reabrir. Só 20% da capacidade vem sendo utilizada

Rogério Dy La Fuente
Da equipe do Correio

Haja médico, haja consultório, haja hospital público. Considerada metrópole regional do polígono de cidades integrado por Ceilândia, Samambaia, Recanto das Emas e Riacho Fundo, no Distrito Federal, além de Águas Lindas (GO) e Santo Antônio do Descoberto (GO), municípios do Entorno, Taguatinga pena como porta de entrada do sistema de saúde que tem de suportar o atendimento de uma população de quase um milhão de pessoas.

Os postos, centros de saúde e o Hospital Regional de Taguatinga (HRT) estão sobrecarregados. De acordo com dados da Coordenação Regional de Saúde da cidade, 70% dos atendimentos feitos no Pronto-Socorro do HRT não são casos de emergência (com risco de vida) e podiam ser realizados em outro local. Para efetuar estes atendimentos de urgência e mais uma série de seis serviços, a Secretaria de Saúde do Distrito Federal iniciou no ano passado a reforma da Policlínica de Assistência Multiprofissional, a PAM, que fica no centro da cidade. A reforma, que deveria ter sido concluída em 1996, não tem data para acabar. Falta uma revisão no valor do contrato da reforma.

NOVELA

Programada para ser inaugurada em julho do ano passado, a PAM teve a reforma atrasada e a reinauguração marcada para outubro. A previsão novamente não se concretizou. O que motivou e ainda motiva o atraso foi a descoberta de que a previsão inicial de recursos para a reforma do prédio de 3.500 metros quadrados e quatro pavimentos era insuficiente para todos os serviços. "Inicialmente era para ser feita uma reforma de instalações. Ao se tirar a cobertura, foi descoberto que era necessário substituir completamente a instalação elétrica e de prevenção a incêndio", justifica Márcio Guimarães, proprietário da

La Dart, empreiteira contratada para a obra.

A previsão inicial de custo da obra era de R\$ 715 mil. Agora, a empresa pede R\$ 132 mil de aditivo para a substituição da rede elétrica do prédio, instalação de pára-raios e da rede hidráulica anti-incêndio. "Essa parte da obra realmente não estava na previsão original. As estruturas antigas são de canos de ferro que se oxidaram e não suportam a carga dos novos equipamentos. O problema está no valor pedido pela empreiteira. Ele tem de ser negociado", explicou o diretor em exercício da PAM, Vilene Pirangi Soares. Atualmente, não há recursos disponíveis para cobrir os novos gastos com a reforma.

Segundo Vilene, somente 90 dias depois que a negociação sobre o aditivo ao contrato tiver sido feita, a obra na PAM será concluída.

EQUIPAMENTOS GUARDADOS

Depois de terminada a reforma, a PAM funcionará como um mini-hospital que poderá atender até 500 pessoas por dia. Aproximadamente 80% do espaço da PAM está ocupado com a reforma, praticamente concluída. A maior parte dos equipamentos, comprados pelo antigo Inamps, está guardada em várias salas desocupadas do prédio.

O novo centro de saúde deve desafogar o Hospital Regional de Taguatinga (HRT). Nele vai funcionar um Pronto-Socorro para Pediatria e Clínica Médica, com capacidade para 300 pacientes diariamente e que funcionará 24 horas por dia.

No subsolo do prédio funcionará o primeiro centro de Medicina Física e Reabilitação fora do Plano Piloto. O posto terá também um laboratório e um centro de raios-x. Haverá ambulatórios de Ginecologia-Obstetrícia e de Odontologia. A novidade é que o serviço odontológico contará com tratamento de Periodontia (gengiva) e Endodontia (canal). "Esses tratamentos não são realizados na rede pública de saúde daqui da região", explicou a administradora da PAM, Eunice da Silva Pereira.

Zuleika de Souza



As obras na policlínica deveriam ter sido concluídas em julho de 96, mas novas reformas terão de ser feitas. Enquanto isso, 80% do prédio estão interditados